

Foto Vagner de Almeida

Borboletas da vida

Essa edição do Extra G é dedicada a uma população que a sociedade ainda não se permitiu decifrar e, muito menos entender, que cada indivíduo tem o direito de ser o que deseja ser, livre de qualquer preconceito ou julgamento. Não importa o que esteja traduzido em textos religiosos ou na opinião popular das ruas. O importante, o necessário, é deixar as pessoas serem livres e honestas com elas mesmas. Sem a interferência de ninguém. Nem da família e muito menos da sociedade ditando a moral e os bons costumes. Estamos nos referindo a todas as TRAVESTIS, atores sociais que com muita luta, esforço, coragem e organização, começam realmente a mostrar as suas faces neste Brasil de tantas outras faces.

Saudades de tantas pessoas que partiram nestes últimos anos. Saudades de Janaína Dutra, Charla Novi, Marcela Prado, Ana, Joyce, Leila e tantas outras que não estão mais aqui conosco. Ativistas, mulheres de corpo e alma, lutadoras, felizes, tristes, sonhadoras e vítimas, às vezes, de uma bala no lado esquerdo do peito... Tantas perdas e dores desnecessárias. Tantos crimes de ódio sem solução e arquivados no descaso judicial. Tantos falsos profetas encabeçando uma guerra pessoal impensada.

Essa edição relata tudo isto e muito mais nas tomadas de cena com as jovens travestis da Baixada Fluminense que participaram do documentário, "Borboletas da Vida", no texto de Janaína Dutra, na entrevista com Alexia – travesti que abriu o caminho para tantas outras travestis na comunidade de Austin, município de Nova Iguaçu e na crítica do filme Traídos pelo Desejo.

Vagner de Almeida

Coordenador do Projeto Juventude e Diversidade Sexual - ABIA



ENTREVISTA

Alexia Jordão Montenegro

PARTICIPANTE DO FILME "BORBOLETAS DA VIDA"

POR FÁBIO DE SÁ E JOSIAS FREITAS

Foto: arquivo pessoal



Alexia Jordão Montenegro, ator social de Austin.

Alexia, ser gay, travesti, negro e pobre são dificuldades extras para o ser humano enfrentar no seu dia-a-dia? Como foi e é isto com a sua família?

A minha família. Depois que eu soube da minha doença eu passei a ter mais família, porque antes a gente entrava muito em conflito, eu brigava muito com minha mãe, então, a gente não tinha aquela relação mãe e filho, a gente tinha relação de amigos. A gente se dava muito bem, cada um em sua casa, como até hoje. Se a gente ficar muito tempo juntos a gente briga. Então depois da minha doença a gente se chegou mais.

Você acha que a sua doença contribuiu para essa convivência mais harmoniosa com o núcleo familiar?

Eu sou soropositivo. Em relação a minha irmã, ficamos mais amigos ainda. Se antes a gente já se dava super bem, depois da minha doença aumentou nosso grau de amizade. Minha mãe está ótima comigo. Minha família são elas. Elas e meus sobrinhos. Meu pai é separado da minha mãe vai fazer 22 anos. Ele sempre viveu a vida dele e eu vivi a minha. Ele não se mete.

Como travesti, como foi sua entrada no mercado de trabalho? Quais foram realmente as barreiras que você teve que enfrentar? Qual ou quais foram as suas profissões?

Minha relação com trabalho foi ótima! Fui cozinheiro industrial durante dez anos! Sou muito bem profissionalmente. Se eu tenho, hoje em dia, alguma coisa, se eu tenho a minha casa, é pelo meu trabalho. Trabalhei muito. Eu virava a noite. Trabalhava 16, 20 horas por dia. Como cozinheiro.

Como você driblou a discriminação, a violência no ambiente de trabalho, sendo do jeito que você era?

Violência... violência, não houve, o que houve foi discriminação por parte do penúltimo patrão. Eu usava cabelo vermelho. Roupa apertada. Com uma semana de trabalho ele falou que, se eu não cortasse o meu cabelo e mudasse meus trajes, eu seria dispensado. Tive que radicalizar, passei máquina dois, comecei a usar roupa social, era um bofe.

Você foi na escola com a sua homossexualidade? Como as pessoas lhe viam e como você as enfrentava? Foi uma relacionamento pacífico ou teve que se impor para sobreviver na escola?

Estudei até o segundo grau. Minha formação escolar não foi difícil. Eu soube lidar muito bem com isto. Eu sempre fui um passo a frente para lidar com isso. Na minha época, eram poucas as pintosas. Eu era uma delas.

Quando realmente se tornou Alexia Jordão Montenegro?

Tornar-se Alexia. Eu tinha 15 ou 16 anos. Eu não me chamava Alexia. Eu me chamava Valeska, aí depois eu comecei a freqüentar a cidade, a andar muito na cidade, aí eu virei Alexia.

Chegou a tomar hormônios?

Tomei muito hormônio, durante seis, oito anos eu tomei hormônio, depois eu não tomei mais porque estava começando a me fazer mal.

Trabalhou ou trabalha como Trabalhadora Sexual?

Prostituição eu nunca fiz. Se eu tinha disposição para trabalhar e tinha profissão eu tinha que tra-

balhar e não me prostituir. Tentei uma vez, mas não valeu a pena porque eu não suportava velho, eu tenho nojo, asco de velho. Meu primeiro programa foi com um velho.

Tem alguma religião?

Eu sou candomblecista, 15 anos "raspado". Há seis anos não atuo. Não me fez falta. Hoje não me ajuda em nada. Vivo a minha vida. Não dou mais pomba gira, não arrei nada. Já dei muita pomba gira na vida. Hoje em dia nada pega a minha cabeça. Quando eu caí e fiquei em cima de uma cama não foi espírito nenhum lá me levantar, foram os evangélicos que tanto falam mal da gente, foram eles que iam lá fazer uma oração para mim. A minha família, os meus amigos. Nesta hora eu via realmente quem era meu amigo. Sempre foram eles que estavam ao meu lado. Então, o espiritismo para mim sempre ficou em segundo plano. Primeiro para mim é minha família, meu amigos e minha casa. Não penso em trocar de religião. Sou espírita, sou raspado, tenho nome na praça. Então vou morrer sendo espírita, mas eles lá e eu aqui na minha casa. Nada de evangelização. Acho que cada um tem que sentir assim... tocou no seu coração você vai. Agora, você não vai por causa dos outros.

O que você acha sobre as jovens travestis que trabalham na pista?

Para estar na pista tem que ter muito peito, ser muito homem. Eu tive amigos que já morreram por causa de pista, já levaram coió, já levaram tiro, navalhada. É muita coragem. É um caminho que você sabe que você vai, mas não sabe se volta. Se eu tive capacidade para trabalhar, elas têm capacidade para fazer vida. Elas vivem disso. É somente isto que elas sabem fazer. O que elas fazem não me importa. Da porta para fora elas podem fazer o que querem.

Qual a diferença de ser travesti em uma cozinha e/ou na pista na Via Dutra?

Para enfrentar uma cozinha, o viado tem que passar por muita coisa. Na última que eu trabalhei tinham 16 homens. Era brabo. Eles só falavam sobre mulher o tempo todo. Eu entrei num núcleo que só tinha eu e meu amigo que me levou. Só que ele era encubadérrimo. Lá dentro todo mundo sabia que ele era gay, mas ele sempre sentava com os outros e falava sobre mulher. Pegava mulher. Se tivesse que sair com mulher, ele saía. E eu não. Sempre fui a avoadinha que ficava no canto só observando.

Você agora é um pouco diferente do que era, como foi essa mudança?

Como travesti de peito vivi até 1998. Meu cabelo era armado. Sempre pintado de vermelho. Sempre andei com roupa de mulher. Tinha calças que vinham do pé até a cintura aberta. Muitos shorts curtos. Camisetinhas. Trancinhas. Eu era abusada. O serviço me mostrou que eu tinha que mudar, pois a sociedade que a gente vive não aceita. Eles falam que é muito bonitinho, muito engraçadinho, mas na prática, você tem que ser homem.

Hoje, no presente, como está a sua vida? Como você encara o seu dia-a-dia?

Minha vida hoje está bem. Aos trancos e barrancos, mas está ótima. Tenho minha casa, meu sossego. Posso sair, posso dormir fora, mas eu sei que meu cantinho está aqui. Posso receber meus amigos e falar putaria. Hoje em dia estou melhor que há três anos. Não me arrependo de nada. Eu era arrogante, topetuda. Eu achava que eu era boa. Tive que mudar isto. Hoje eu aprendi a viver, sou uma pessoa bem melhor de se lidar.



Resenha

TRAÍDOS PELO DESEJO - O IRA seqüestra o soldado Jody (Forest Whitaker) que se torna amigo do guerrilheiro Fergus (Stephen Rea), este encarregado da morte daquele. O soldado, ao tentar escapar, morre acidentalmente. Porém, antes deste acidente o soldado seqüestrado desenvolvera uma estreita amizade com seu algoz.

A partir desta trama o filme de Neil Jordan chama a atenção sobre diversidade e gênero, preconceitos, sexualidade, identidade, escolha sexual e questiona a naturalidade dos papéis sexuais e étnicos desvendando as lógicas sobre as quais se fundam a intolerância e a discriminação.

Duração: 112 min

Direção: Neil Jordan

Lançamento: 1992 Inglaterra

Elenco: Stephen Rea (Fergus), Forest Whitaker (Jody), Miranda Richardson (Jude).



Ilustração: Fábio de Sá

Participantes do
documentário
**Borboletas da
Vida**



Fotos Vagner de Almeida

Borboletas da Vida,

da

VAGNER DE ALMEIDA

COORDENADOR DO PROJETO JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL – ABIA

DIRETOR DE FILMES E TEATRO

STAFF ASSOCIATE – MAILMAN SCHOOL OF PUBLIC HEALTH

COLUMBIA UNIVERSITY, NEW YORK

Este texto é baseado na narrativa do documentário **"Borboletas da Vida"**, realizado dentro do projeto Juventude e Diversidade Sexual, dirigido por Vagner de Almeida e produzido pela Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA), com apoio do Ministério da Saúde.

Todas as cenas do filme estão sendo rodadas na Baixada Fluminense, em Nova Iguaçu e Austin, com os travestis e jovens gays dessas comunidades.

O documentário retrata os enfrentamentos que essa população se depara no seu dia a dia, como violência, pobreza e falta total de estrutura social, que fazem desses atores sociais cidadãos sem expectativa de futuro. A maioria deles não se encontram nas escolas ou no mercado de trabalho. Raros são os que estão empregados e não fazem da prostituição o seu meio de sobrevivência. A via Dutra (Rodovia Rio-São Paulo) e adjacências são os seus locais de batalha e com o que ganham e amparam seus núcleos familiares. Enfrentam o

fundamentalismo cristão evangélico e a estrutura familiar partida. Como muitos declaram no filme, elas vivem o presente. Os caminhos do futuro só Deus pode apontar. São unânimes em pedir dignidade e respeito. Temem a morte anunciada e os espancamentos das gangues. Muitos já foram estuprados e convivem com a eterna guerra psicológica dentro de suas casas, isto quando ainda se encontram nas casas das famílias.

O título **Borboletas da Vida** foi escolhido devido às várias metamorfoses que sofrem no decorrer de suas existências. Vivem saltitando de flor em flor, calçada, esquinas, becos e beiras de estradas.

Os travestis fazem parte da ordem dos sobreviventes, mesmo sendo conhecidos por serem uma comunidade muito grande e ainda não tão bem organizada como outros grupos sociais. O número total se desconhece, mas é sabido que o exército cresce a cada dia que passa, assim como o fundamentalismo religioso e a intolerância. A cada dia que passa mais travestis são assassinados, violentados e, injustamente, os casos são arquivados, esquecidos por se tratar ainda de uma minoria desassistida. Uma espécie em constante luta de sobrevivência. As origens

das borboletas e dos travestis são obscuras. De onde vieram? Não importa! Estão aqui e vieram para fazer parte desse nosso sistema desarmonizado.

O documentário **Borboletas da Vida** retrata a vida desses indivíduos em loco, vai até onde eles moram, retratando desde a convivência com seus familiares, comunidades e crenças, até as questões ligadas ao desemprego, fuga da escola, ruas por onde passam e os transportes que usam para se locomoverem. Durante todo esse percurso, convivem com a indiferença e os deboches sociais. São excluídos através de um simples olhar e um levantar de sobrelhas.

O foco do filme é dado sobre uma nova geração de travestis, mas não podendo deixar de fazer uma ponte com a geração mais velha, pois, historicamente, é sabido que os mais antigos abriram caminho para as mais jovens. Conseqüentemente, mostra a sociedade local que travesti também faz parte daquela comunidade, querendo eles ou não.

Os travestis, tais quais as borboletas procuram texturas de cores semelhantes com os troncos e pedras por defesa de sua espécie. Os travestis não são diferentes. Agrupam-se, batem de frente, são conhecidos como violentos e perigosos. O que na verdade é calunioso e refutável. Quando tratado com dignidade e respeito, o travesti sabe ser calmo e dócil.

Hélio R. S. Silva no seu livro **"Travesti: a Invenção do Feminino"** escreve a seguinte frase; *"Assim como no caso dos meninos de rua, o problema não é o travesti. A questão é quem os mata, espanca e desdenha. Talvez possamos estabelecer uma linha de comunicação entre o risinho no canto direito da boca do intelectual macho (ou do gay rico, branco, importado e respeitado) com a bala que fere o seio esquerdo do travesti. O risinho cria na verdade a ambiência que neutraliza a decisão de apertar o gatilho"*.

A produção de **Borboletas da Vida** deixa registrado nos anais dessa filmagem um agradecimento especial ao empresário e proprietário Julio Fernandez, da casa noturna Site Club. Com a sua capacidade de saber conviver com as diferenças, Julio é um exemplo de cordialidade e solidariedade, principalmente quando o vemos tratando seu público cativo, clientes, artistas e travestis.

Muitas cenas têm sido feitas na Site Club e todos da produção gostariam de agradecer-lhe imensamente pelo apoio dado.

Borboletas da Vida está em fase de filmagem e, em janeiro de 2005 estará sendo lançado e distribuído em DVD e VHS para todas as instituições e ONGs que trabalham e prestam assistência a comunidade de travestis e transexuais.

O vídeo faz parte do projeto Juventude e Diversidade Sexual que faz trabalho de prevenção e comunicação distribuindo preservativos, informativos e boletins na Baixada Fluminense.

Borboletas Bailarinas da Vida são Respeito, Gente e Cultura.



Malena, durante as filmagens do documentário **Borboletas da Vida**



Fotos Vagner de Almeida



Desconstruindo as Sexualidades¹

JANAÍNA DUTRA²

PRESIDENTE DA ARTICULAÇÃO NACIONAL DOS TRANSGÊNEROS – ANTRA

*"Nos ensinaram a carregar, a tirar da frente, a bandeira do pênis.
Nos ensinaram a carregar atrás um ânus com armadura.
Nos ensinaram assim, a carregar meia vida à frente e meia morte atrás.
Nos ensinaram tudo pela metade."*

ULISSES TAVARES



Do poema de Ulisses Tavares retrata, com grande clareza, o hábito que temos de olhar a sexualidade através de uma ótica particular, esquecendo a pluralidade e a diversidade dos comportamentos humanos. Sua ótica desconstrutora nos remete ao processo de construção da travesti, que abriga o macho e a fêmea num mesmo corpo e nos conduz a uma reflexão sobre a homossexualidade e o preconceito que a cerca.

A relação conflituosa e preconceituosa do homem moderno com a homossexualidade tem como pilar as três instituições que fundamentam a nossa sociedade: o Estado, a Igreja e a Família. Um bom exemplo da dificuldade de diálogo com o Estado pode ser encontrado na própria Constituição Brasileira, em seu artigo 15, que versa sobre as garantias e direitos individuais. O artigo afirma que todos somos iguais perante a lei, sem nenhum tipo de discriminação de cor, sexo e credo religioso, no entanto, quando analisamos as relações sociais, notamos uma distinção na classificação dos cidadãos. Todos os que fogem do padrão heterossexista dessa sociedade, que tem como elemento legítimo o homem, de pele branca, com uma boa conta bancária, sofrem algum tipo de discriminação.

A Igreja, por repetir aqueles velhos ensinamentos de sempre, reforça, a cada dia, o preconceito em relação à homossexualidade e

perde o foco da sua missão de construir uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, como prega o amor cristão. Se ela cumprisse o seu papel social nos ajudando no trabalho de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo, teríamos um alcance muito maior e reduziríamos consideravelmente a discriminação.

A família é o lugar onde o preconceito é mais problemático e as relações mais dolorosas. É na família que os homossexuais sentem o peso maior da discriminação direta, do estranhamento em relação àquele corpo e àquela alma de padrões tão diferentes dos estabelecidos como normais pela sociedade, transformando-os em pólo captador desse preconceito.

Discriminação acumulada

Há ainda uma questão mais séria que envolve, além da discriminação à opção sexual, a discriminação maximizada por uma série de outros preconceitos relativos à raça, à classe social, à formação escolar, à cidade de origem, entre outras características. Este tipo de discriminação acaba por inviabilizar a cidadania do homossexual, em especial das travestis e dos transgêneros, conduzindo-os à prostituição como forma de sobrevivência.

Uma pesquisa realizada em 2001 com 165 travestis no Estado do Ceará revelou que



¹ Este texto foi publicado no livro "Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde". Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

² Ativista do Movimento Travesti e da luta contra a epidemia de HIV/AIDS, a quem prestamos nossa homenagem (1960-2004).

90% das entrevistadas se prostituem, mesmo que eventualmente. 62% delas vivem da prostituição e 40% dessas 62% que vivem da prostituição são arrimos de família. Os dados mostram a necessidade de se buscar políticas afirmativas para que essas travestis tenham uma melhor qualidade de vida. Uma outra necessidade urgente é acabar com o estigma que leva a sociedade a acreditar na periculosidade das travestis.

Um novo conceito que, talvez, possa ajudar a derrubar esse mito seja substituir o termo travestismo por travestilidade, uma vez que o sufixo "ismo" significa doença e disfunção, e a travestilidade é a qualidade de ser travesti 24 horas por dia. Esse processo de travestilidade é fundamental para minimizar o processo de discriminação que a travesti sofre, desde a mais tenra idade, na escola e em casa, provocando em muitos casos o abandono/expulsão da escola e da família. Por conta dessa estigmatização, encontramos uma população com baixa estima, pouca escolaridade e pouca qualificação profissional.

Movimento organizado

Como resposta ao movimento organizado que surgiu após a AIDS, no começo dos anos 80, houve uma organização política e social pela qual os gays, as lésbicas e as travestis começaram a atuar e a criar uma maior força de expressão e representação. Foi assim que nasceu, em dezembro de 2000, a Articulação Nacional dos Transgêneros – Antra, um órgão colegiado de todas as associações de transgêneros do país, através do qual são expostas as demandas dessa categoria por meio de uma grande rede nacional, em busca da visibilidade e da cidadania desse grupo. O objetivo da Antra não é ser dissidente do movimento organizado de gays e lésbicas, mas ser um instrumento de mobilização para o atendimento das demandas específicas dos transgêneros, que não são comuns aos outros movimentos.



“Por conta da estigmatização, encontramos uma população com baixa estima, pouca escolaridade e pouca qualificação profissional.”

A Antra está desenvolvendo o Projeto Tulipa, pelo qual serão criados cinco centros regionais de qualificação para a criação de novos grupos e o fortalecimento dos já existentes. Esses centros funcionarão nos mesmos moldes do Projeto Soma para os gays e os profissionais do sexo. O nome do Projeto Tulipa foi escolhido em homenagem à travesti Adriana Tulipa, que foi uma das primeiras militantes a assumir publicamente a sua soropositividade e enfrentar o preconceito. O sonho dela era criar uma ONG, a Travestis Unidas Lutando Incansavelmente pela Prevenção da AIDS.

Estamos galgando todos os espaços que nos são permitidos. Já temos assento no Conselho Nacional de Combate à Discriminação, o que nos possibilita dar idéias para atender as demandas específicas das travestis. Por exemplo, quando as reuniões foram realizadas no Ministério da Educação, sugerimos quais ações afirmativas poderiam ser utilizadas a fim de possibilitar uma maior visibilidade das travestis

na educação. Na reunião realizada no Ministério da Saúde, encaminhamos, através da Carta de Porto Alegre, uma solicitação ao Governo Federal para que as clínicas de cirurgia plástica do Sistema Único de Saúde – SUS criem uma cota ou um programa especial para a colocação de próteses nas travestis, com o intuito de reduzir o índice de mortalidade causado por aplicações indevidas, que geralmente são feitas por pessoas que não têm conhecimento médico para realizar este procedimento.

Na última reunião, que aconteceu no Ministério da Cultura, sugerimos a realização de um concurso literário com o tema "Travestis", a fim de dar maior visibilidade à categoria e mostrar os problemas enfrentados por ela, ajudando a diminuir a discriminação. Outra sugestão foi a produção de um vídeo, com qualidade, no qual as travestis e as transexuais sejam as atrizes principais. Seria uma excelente maneira de mostrar que do lado de cá também há poesia e arte.



Anota aí:

Todas às quintas-feiras, o projeto **Juventude e Diversidade Sexual** oferece oficinas temáticas para HSH na sede da ABIA, situada na Rua da Candelária, 79/10º andar, Centro, Rio de Janeiro. As oficinas acontecem das 17 às 20 horas. **Informações pelo telefone 2223-1040.**

Anote aí, a programação dos filmes que serão exibidos nas oficinas em novembro. As sessões serão seguidas de debates.

4/11 • HAMAM – O BANHO TURCO

O jovem italiano Francesco herda uma propriedade de uma tia turca. Ele deixa sua esposa e viaja para Istambul a fim de vender a casa. Descobre que o edifício abrigava uma antiga casa de banhos turcos.

Direção: Ferzan Ozpetek

Elenco: Alessandro Gassman e Francesca d'Aloja

Ano: 1997, Itália/Turquia

Duração: 101 min

18/11 • PARTY MONSTER

Dois jovens do interior vão para Nova York tentar uma nova vida. Um deles, Michael Alig, torna-se um conhecido organizador de festas em clubes noturnos. É assim que ele se entrega ao mundo das drogas e acaba se envolvendo num crime bárbaro. Baseado em fatos reais.

Direção: Fenton Bailey, Randy Barbato

Elenco: Macaulay Culkin e Seth Green

Ano: 2003, EUA

Duração: 98 min

11/11 • O PADRE

Em paróquia de Liverpool, um padre tem que lidar com a descoberta que seu superior tem uma mulher e com a dificuldade, diante disso, de lidar com seus desejos carnisais e sua homossexualidade. Adepto de passeios noturnos, encontra rapaz com quem passa a ter um relacionamento.

Direção: Antonia Bird

Elenco: Linus Roach e Tom Wilkinson

Ano: 1994, Inglaterra

Duração: 105 min

25/11 • DELICADA RELAÇÃO

Dois militares, Yossi (Ohad Knoller) e Jagger (Yehuda Levi) vivem uma história de amor proibida que tentam esconder dos demais membros da tropa a todo custo. No entanto, este esforço fica ameaçado quando a recruta Yaeli (Aya Steinovitz) se declara apaixonada por Jagger.

Direção: Eytan Fox

Elenco: Ohad Knoller e Yehuda Levi

Ano: 2002, Israel

Duração: 65 min

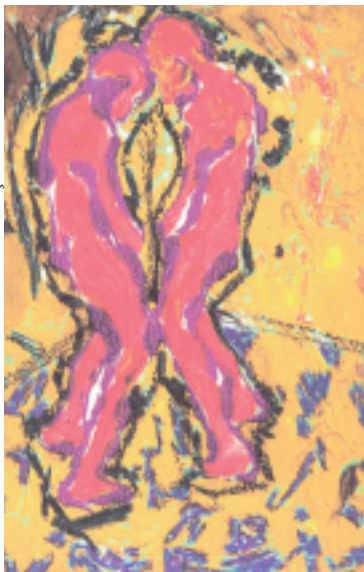
Saiba mais:

O fórum de transgêneros foi fundado em 10 de março de 2004 pelos grupos AGENTTE, CHARLATHS e TURMA OK, em assembléia realizada no auditório da prefeitura do Rio de Janeiro, tendo sido eleitas como presidente e vice Hanah Suzart e Luana Muniz, respectivamente.

O fórum tem como finalidade unificar os grupos que atuam em prol dos direi-

tos humanos e da cidadania de travestis e transexuais do Estado do Rio de Janeiro, representando estas comunidades relativamente às suas demandas no tocante à conscientização e defesa de direitos já garantidos pela constituição federal, através do Programa Nacional de Direitos Humanos em artigos referentes a travestis e transgêneros.

Ilustração: Fábio de Sá



extra **G**

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
Entidade de utilidade pública federal, estadual e municipal, de fins filantrópicos.

Diretoria

Diretor-presidente: Richard Parker

Diretora vice-presidente: Regina Maria Barbosa

Secretária-geral: Miriam Ventura

Tesoureiro: José Loureiro

Coordenação geral: Maria Cristina Pimenta e Veriano Tertó Júnior

O Extra G é um veículo de informação do Projeto Juventude e Diversidade Sexual

Distribuição gratuita

Editores: Vagner de Almeida e Josias Freitas

Programação visual e diagramação:

A 4 Mãos Comunicação e Design

Revisão do texto: Claudio Oliveira e Wilma Ferraz

Extra G • nºs 7 e 8 (edição especial) • julho a outubro de 2004

Impressão: Reptoarte

Tiragem: 2.000 exemplares

Os textos assinados retratam a opinião de seus autores.

Apoio:

